

ASSIM SEJA?, SIMPLEMENTE O MELHOR*

Manoel Vidal

A certos espetáculos de dança é dado transformar a identidade de seus bailarinos a tal ponto que eles surgem diante de nossos olhos como seres novos, magicamente reinventados. A visão, às vezes, causa estranheza. Não mais podemos considerar aquelas “pessoas” como um de nós da plateia; seus traços foram de tal forma desfigurados que não as concebemos como habitantes de nosso convencional cotidiano.

No entanto, é impossível ficar indiferente a estas bizarras criaturas. Pressentimos que elas não perderam sua condição de humanas; apenas retrocederam a um grau mais elementar de humanidade, de onde manifestam, de modo mais puro e direto, as emoções, violências e compulsões que fervilham debaixo de nossa asséptica consciência.

Certamente uma invenção assim radical não se encontra com frequência. Ela requer não só um criador profundo e audaz, como também um conjunto de intérpretes muito afinados com uma perspectiva artística, a partir da qual todo um universo redefinido.

Estes dois requisitos são justamente o que sustenta “Assim Seja?”.

Neste seu atual espetáculo, Célia Gouvêa transmudou em terra e sangue um grupo de oito bailarinos, para daí moldar o sofrimento e a busca de seres prensados entre forças internas que desconhecem e pressões externas que os manipulam. Uma movimentação eloquente, com formas de teatro/dança, ressalta as perplexidades individuais. Uma coreografia ritualística, estruturada em cânones, expõe as pressões sociais.

Os destinos do grupo estão intimamente ligados a uma figura isolada, interpretada pela própria coreógrafa. E discernir esta trajetória é algo que dependerá da habilidade de cada um de varar a cerrada simbologia de Célia Gouvêa.

Embora os propósitos não sejam de fácil leitura, a movimentação em cena é tão calibrada que jamais deixa de gerar interesse. Ao caminhar pelo palco, Gouvêa é um anjo maligno e frio, a semear ventos e contemplar tempestades. Nos momentos (infelizmente poucos) em que se expressa por meio da dança, o efeito é fascinante. As frases são retesadas e ágeis; a movimentação é angular, pontilhada por pequenas sinuosidades que deixam atrás de si um rastro de mistério.

“Assim Seja?” define sua estética a partir do acompanhamento musical escolhido: uma missa profana de Pierre Henry, que parece ter sido composta para o Dia do Juízo Final. A música e o drama jorram numa mesma onda de energia que nos consome ao mesmo tempo em que nos preenche. Esta força propulsora somente perde sua integridade nos momentos em que se assenta mais em objetos de cena do que na movimentação do elenco, e também no quadro final, um tanto abrupto e mais convencionalmente dançado. Estes fatos, porém, não invalidam nem um pouco o veredito final. “Assim Seja?” é o melhor espetáculo de teatro/dança produzido em São Paulo no ano de 1984 (leia o roteiro de dança).

* In: **Jornal da Tarde**, São Paulo, p. 9, 12 jan. 1985. Caderno de Programas e Leituras.